África do Sul

Novos desafios da indústria açucareira

Gilmar P. Henz[1]
Carolina Von Der Weid[2]

A CANA-DE-AÇÚCAR foi introduzida na África do Sul em 1848, na região de Durban, a partir de variedades trazidas das Ilhas Maurício, e, já em 1850, foi construída a primeira usina no país. Atualmente, a África do Sul produz, em média, 2,4 milhões de toneladas de açúcar anualmente, em doze usinas na província de KwaZulu Natal, principal região produtora de cana-de-açúcar, e duas em Mpumalanga, gerando receita de mais de US$ 1,3 bilhão. O país consome cerca de 55% da produção, e o restante é exportado para os países vizinhos, na África austral. De acordo com a South African Sugar Association – SASA, a África do Sul ocupa a oitava posição mundial entre os países produtores de açúcar em termos de eficiência produtiva.

A indústria de açúcar sul-africana é responsável por cerca de 1% do PIB do país e emprega aproximadamente 250 mil trabalhadores, 11% dos empregos rurais. O cultivo de cana-de-açúcar ocupa 130 mil hectares, com 29 mil produtores registrados. O país ainda não resolveu um sério problema fundiário resultante do regime de *apartheid*, que implicou a posse de 80% das terras agricultáveis pela minoria branca de origem africânder. Existem cerca de 1.550 produtores comerciais de cana-de-açúcar, sendo que, destes, apenas 378 são agricultores negros emergentes. Os demais são pequenos agricultores negros originários do programa de reforma agrária.

Atualmente, as empresas sul-africanas têm enfrentado dificuldades na produção e exportação de açúcar. De acordo com a SASA, há dez anos, a indústria processou 23 milhões de toneladas de cana e exportou 1,5 milhão de toneladas de açúcar; enquanto, em 2012, processou 17 milhões de toneladas e as exportações caíram para 137 mil toneladas. Neste momento, representantes da indústria sucroalcooleira sul-africana estão pressionando o governo para aumentar a tarifa de importação de açúcar refinado, produto originário principalmente do Brasil. A SASA submeteu uma solicitação à ITAC (International Trade Administration Commission), em março 2013, para revisar o preço de referência do açúcar com base no dólar norte-americano, alegando que o produto tem sido importado a preços inferiores ao custo de produção. O preço de referência é um mecanismo da ITAC que impõe tarifas de importação quando o preço no mercado internacional alcança patamares inferiores a US$ 358 por tonelada. Este valor de referência é baseado em preços internacionais e no custo médio de transporte, além de contemplar um "fator de distorção", que reconheceria assimetrias causadas basicamente por subsídios.

Segundo a SASA, o mecanismo de compensação de preços da ITAC tem sido totalmente ineficiente em proteger a indústria canavieira local das importações baratas e subsidiadas comercializadas na região da União Aduaneira da África Austral – SACU a preços inferiores ao custo de produção. O Brasil é citado como o principal fornecedor de açúcar, com crescimento constante nos últimos cinco anos, alcançando cerca de 240 mil t/ano em 2012. Este volume seria equivalente à produção de duas usinas sul-africanas, responsáveis por 15 mil empregos.

As matérias publicadas na imprensa sul-africana sobre o tema afirmam que o problema central do açúcar no país são as importações baratas, o mesmo termo utilizado para justificar a investigação de *dumping* contra a carne de frango brasileira. A mídia sugere que o açúcar brasileiro é subsidiado, o que geraria distorções de preço no mercado internacional. Entretanto, ao mesmo tempo, é reconhecida a eficiência produtiva do Brasil como maior produtor mundial e que os preços praticados não teriam *dumping*. A diferença atual de preços entre o produto local e o importado é de US$ 222 por tonelada. A movimentação política da SASA, provavelmente, visa a atividade de empresas importadoras sul-africanas (*traders*, atacadistas) que comercializam açúcar brasileiro para empresas agroprocessadoras e utilizam o preço mais competitivo do produto importado para barganhar descontos da indústria local.

A intenção da SASA é pressionar o Ministério da Indústria e Comércio sul-africano a impor cotas para importações, além de aumentar o valor nominal do preço de referência em dólar e também incluir o setor açucareiro nas negociações entre a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral – SADC e a União Europeia no âmbito do Acordo de Parceria Econômica, para obter uma cota anual para a indústria local de 300 toneladas para exportação. Entre os países-membros da SACU, somente a África do Sul e a Suazilândia produzem volumes exportáveis de açúcar, sendo que a África do Sul está excluída dos acordos tarifários preferenciais com a UE. Uma das estra-

Alguns números da indústria canavieira sul-africana nos últimos quinze anos

Características da indústria canavieira sul-africana	Maior (safra)	Menor (safra)
Área cultivada com cana-de-açúcar (ha)	431.771 (2001/02)	375.590 (2010/11)
Produtividade da cana-de-açúcar (t/ha)	73,95 (2000/01)	59,08 (2010/11)
Processamento da cana-de-açúcar (t)	23.876.162 (2000/01)	16.015.649 (2010/11)
Teor de sacarose na cana-de-açúcar (%)	14,14 (2010/11)	12,92 (2006/07)
Consumo interno de açúcar (t)	1.685.312 (2011/2012)	1.194.763 (1999/00)
Exportação de açúcar (t)	1.490.120 (2000/01)	137.176 (2011/12)
Consumo *per capita* (kg/pessoa/ano)	37,5 (2011/12)	31,1 (2000/01)

Fonte: South African Sugar Association – SASA

tégias das empresas açucareiras sul-africanas foi instalar usinas em outros países da região, como Moçambique, Maláui, Tanzânia e Zimbábue.

A África do Sul é considerada grande produtora de cana-de-açúcar, mas enfrenta problemas para expansão do cultivo, devido à escassez de terras agricultáveis no país, além da redução na produção. Comparativamente à África do Sul, Moçambique tem terras aráveis disponíveis, com boa fertilidade e sem limitações hídricas, e menor custo com mão de obra, garantindo menor custo de produção. Por essas razões, as maiores empresas sul-africanas do setor, como a Tongaat Hulett, Illovo Sugar e Crookes Brothers, têm expandindo suas operações para outros países africanos, particularmente Moçambique, atraídas pelo acordo do Sistema Geral de Preferências (SGP) com a União Europeia, uma garantia adicional considerando-se a volatilidade do mercado mundial de açúcar.

A Illovo Sugar é a empresa sul-africana com maior número de operações no continente africano, atuando no Maláui, Zâmbia, Suazilândia, Tanzânia e Moçambique. As operações e investimentos da empresa em Moçambique são relativamente pequenos, embora a contribuição financeira tenha crescido rapidamente no último ano, passando de US$ 300 mil, em 2011, para US$ 7 milhões, em 2012, o que é correspondente a 6,5% do lucro líquido da empresa.

A empresa Tongaat Hullet iniciou suas atividades em Moçambique em 2000, com a construção e expansão de usinas em Xinavane e Mafambisse, onde cultiva mais de 24 mil hectares com cana-de-açúcar, além de comprar a produção de agricultores privados que cultivam mais de 2 mil hectares. Em 2009, a empresa investiu US$ 176 milhões na expansão das operações em Xinavane. A empresa está otimista em relação à produção em Moçambique, esperando crescer 30% nos próximos três anos, com expectativa de processar cerca de 310 mil t/ano, contando com redução progressiva dos custos, considerando-se que as despesas das usinas processadoras são praticamente fixas, gerando maior lucro com incremento da quantidade de cana processada. Em 2012, a empresa aumentou a produção de açúcar em Moçambique em 42%, a maior em todos os países em que a empresa atua. O lucro líquido das operações em território moçambicano, em 2011, foi de US$ 15 milhões, aumentando para US$ 47 milhões, em 2012.

Por sua vez, a empresa TSB, pertencente ao grupo Remgro, decidiu iniciar suas operações em Moçambique por razões operacionais, mas, principalmente, pelo SGP de Moçambique com a União Europeia na exportação de açúcar. A empresa está adquirindo 32 mil hectares para o cultivo de cana-de-açúcar e pretende investir US$ 784 milhões para a expansão das atividades no país, o correspondente à metade dos investimentos em *joint venture* (51%/49%) com parceiros locais. A empresa espera ter o cultivo estabelecido e a nova planta processadora pronta para operação em 2017.

As operações das empresas sul-africanas em Moçambique garantem a expansão da produção, limitadas em seu país de origem por questões agronômicas e dificuldades na exportação, além de gerar lucros crescentes. Adicionalmente, em face da atual crise econômica europeia, os produtores sul-africanos buscam mercados alternativos. Segundo projeções da associação setorial, a China e a África garantirão a demanda por açúcar nas próximas décadas, considerando-se que o consumo *per capita* nestas regiões está abaixo das médias mundiais.

A indústria canavieira da África do Sul aposta na criação de incentivos fiscais para estimular a produção local de biocombustíveis. Os detalhes dos subsídios governamentais para o setor devem ser anunciados ainda em 2013, em conjunto com a regulamentação dos coeficientes compulsórios de mistura.

Em relação ao pedido de aumento das tarifas de importação para açúcar refinado, que potencialmente afetaria as exportações brasileiras para esse mercado, o governo sul-africano ainda não tomou nenhuma decisão. ■

Este artigo reflete a opinião do autor e não da instituição que representa.

1 Adido agrícola da Embaixada do Brasil na África do Sul
2 Primeira secretária da Embaixada do Brasil na África do Sul

Modernidade, Gestão e Tecnologia em Nutrição Vegetal

O maior evento da Indústria de Tecnologia em Nutrição Vegetal da América Latina

V FÓRUM ABISOLO

FERTI SHOW
Feira de Tecnologia em Nutrição

21, 22 e 23 de agosto de 2013

Ribeirão Preto, SP
Centro de Eventos
Pereira Alvim

Informações e inscrições

11 3251-4559
contato@bbagro.com.br
cadastroforum@abisolo.com.br

www.forumabisolo.com.br

Patrocínio

Realização

Apoio institucional

Apoio de Mídia

Organização

Infraestrutura